



"COISAS DO BRASIL"

EDUARDO BRASIL
JORNALISTA / PRODUTOR CULTURAL

Coração de Rosa



Conhecer pessoas interessantes e que nos inspiram, como Brasinha, é puro privilégio. Conheci Brasinha, nascido José Francisco, através de Téo Azevedo. Foi em Cordisburgo, seu torrão natal e de João Guimarães Rosa, conterrâneo que o enche de orgulho e de quem não se cansa de falar. Compreensível que Brasinha lance de si parte do mundo Roseano para quem o visita. Ao conhecê-lo, percebi que vive de João Guimarães Rosa. Nutre-se dele. Aliás, todos; crianças, jovens, adultos, os mais velhos, sobretudo, que guardam o privilégio de terem conhecido pessoalmente o João mais ilustre de Cordisburgo.

João Guimarães Rosa morreu em novembro de 1967, ano em que Brasinha saboreava a adolescência pelas ruas da cidade. As mesmas ruas por onde um jovem João também andou em quadras mais antigas. Nelas, hoje, você se depara com referências ao escritor. Sua figura esculpada, encimada pelos óculos inseparáveis, sobre um cavalo, com suas roupas de "Vaqueiro Velho", apelido que ganhou quando tocou uma boiada pelas beiradas do São Francisco, em 1952 (jornada que narrou em livro), ou sob um terno elegante de diplomata brasileiro, está em vários cantos da pequena Cordisburgo, também lembrada por guardar a maravilha das grutas de Maquiné.

Nas casas, nas ruas, nos muros, nos bares, nas praças, lá está João Guimarães Rosa. Por todo lugar, esculturas e frases tiradas do "Grande sertão: veredas". O próprio

Brasinha possui um "Museu Roseano", denominemos



assim, com incontáveis objetos que há anos vem reunindo e que nos remetem ao escritor, ao mundo e à época em que ele viveu, como exemplares de surradas máquinas de escrever que lembrariam as que usava na construção de suas obras. Preciosidades que Brasinha não vende e não dá. Afirma, ao lado dos netos, que será o seu legado.

Brasinha é também um estudioso da obra Roseana. Teima em repetir ser "um simples leitor", esquivando-se de qualquer vaidade. Mas, quando fala dos livros do conterrâneo, que lê e relê ano a ano, transforma-se numa enciclopédia dos escritos, observando detalhes que às vezes nos passam despercebidos. É como se ele tivesse adentrado os sertões de Minas, ao lado de João, descobrindo a essência sertaneja para nos passá-la com seu jeito catrumano.

Brasinha é um homem de alma ricamente Roseana. É certo que o legado que anuncia, um acervo singular para gerações futuras, fortalece a imortalidade do conterrâneo saudado. Cidadão comum, Brasinha, com o seu museu, também entra na história de João Guimarães Rosa. Não se fala de João, na pitoresca Cordisburgo, sem colocar o nome de Brasinha no meio da conversa.

Brasinha, como disse Téo Azevedo, passou a ser uma das milhares de peças de seu próprio museu.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.



